

CAMPINA GRANDE, TERRITÓRIO DE CONTRASTES E CONTINUIDADES CULTURAIS E RELIGIOSAS: O SANTO DAIME

Anny Karine Matias Novaes Machado*

*È erradamente que se crê que o mito é sempre mentiroso.
O mito torna-se história.
Ele é o impulso psicológico, a inspiração ideal,
que pode conduzir os homens para o bem ou para o mal,
mas que lhes é de qualquer modo indispensável.
(Raoul Girard)*

Começemos relembando a Grande Deusa- Mnemósine, a mãe das musas personificação da Memória, irmã de Cronos e de Oceanos. Onisciente, ela sabe”tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que será” (HESÍODO APUD ELIADE, 2004:108). Quando o poeta era possuído pelas musas, ele bebia diretamente da ciência de Mnemósine rememorando todas as origens, o passado, assim representado, tornava-se o presente e a memória, a lembrança, era sua única fonte. Infelizmente, nossa Deusa caiu, a memória e as histórias orais foram, desde o advento da modernidade, relegadas ao plano do incerto, do degradado, da não ciência documentada.

Nossa sociedade é caracterizada pelo centramento da escrita, vivemos numa cultura dominada pela palavra escrita em detrimento da linguagem falada. Torna-se fácil perceber como é difícil aceitar a história oral, porque criou-se uma tradição entre nossos historiadores, os quais habituaram-se a trabalhar com o tempo linear, serial, onde os documentos possuem os meios de resgate dos dados através de fontes históricas precisas, explicativas, racionais. A modernidade trouxe a vontade do saber, um saber preciso, racional, explicativo da realidade. Nesse sentido, os documentos foram durante longo tempo monumentos esculpidos pelo historiador. Entretanto, a história não é estática e com o advento da pós-modernidade, aqui entendida como, “a nossa condição histórica, nossa episteme” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007:55).

* Graduanda em História, pela Universidade Federal de Campina Grande e graduanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.

Essa nova episteme esta carregada de uma crise geral de uma serie de paradigmas explicativos da realidade

Descobrimos que, para além da consciência, nossas ações e produções sociais são produtos de desejo, de suas maquinações e agenciamentos (...) O sujeito deixa de ser visto como uma totalidade fechada e fundante das ações e representações, para ser pensado como uma produção histórica, como um lugar que diferentes pessoas vem ocupar sucessivamente ou como uma produção de uma identidade, em que vários fluxos de subjetivação e forças de sujeição se encontram. (Op. Cit, p. 59)

Felizmente, hoje podemos enfim nos libertar das amarras da cientificidade, entendida aqui como uma produção centrada na apreensão de uma verdade única do passado e de leis imutáveis. Podemos enfim, entrever o passado como uma construção feita durante a escrita, assim, passível de releituras de ressignificações, podemos também retomar a memória pois

A memória, como a Historia, são como uma escritura sem fim, nem origem.[...] podemos voltar a enfatizar a dimensão artística de nosso conhecimento e de nossa prática. Tomar a historia como arte de inventar o passado, a partir dos materiais dispersos deixados por ele. (Op. Cit, p.63-64)

Assim, Mnemósine ressurgue. Nesse viés historiográfico de multiplicidades e descontinuidades típicas da nossa cultura pós-moderna, pensaremos um pouco a historia local, de campina grande, num tempo que poderia ser denominado presente, devido ainda a continuidade dos acontecimentos: “O encontro para a nova consciência e a transmissão da doutrina do Santo Daime através do evento”.¹

Trata-se de uma história ainda não acabada, em que o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já acabado, de que se conhece o fim e as conseqüências. Não se trata, pois, da construção *ex-post* de algo que ocorreu por fora da experiência do vivido, pois o historiador é contemporâneo e, de uma certa forma, testemunha ocular de um processo que ainda se desdobra e do que não se conhece o termino.(PESAVENTO, 2005: 93)

¹ Como corpus de análise adotamos os registros jornalísticos que inferem os acontecimentos que precedem o I Encontro para a Nova Consciência, isto é, a abstinência da cidade acerca do carnaval e sua referente escolha por um encontro religioso ecumênico. Postulamos também as narrativas orais acerca do segundo encontro para nova consciência, em que a doutrina do santo daime foi trazida para a cidade e assim expandida.

Rememoraremos também através da fundação e da fundamentação doutrinária, alguns arquétipos imagéticos presentes em nosso imaginário: o do herói, o do retorno as origens e o da unicidade² (GIRARD, 1987).

Nossa historia começa em 1907, “ Eu vim beirando a terra, eu vim beirando o mar” (RAIMUNDO, Hino nº 6- Cruzeiro), foi neste ano que Raimundo Irineu Serra começou sua peregrinação, contava apenas com quinze anos, viajou do Maranhão à Manaus, daí ao Acre e então partiu para o Peru. De descendência escrava, o futuro Juramidã³, nasceu em 15 de dezembro de 1982, seus avôs, ex-escravos instalaram-se em São Vicente Ferrer no interior do Maranhão. Ao chegar ao peru, Irineu então com dezoito anos, tomou a ayahuasca pela primeira vez, então começou o seu chamado.

Nesse período foi que ele conheceu a ayahuasca, num seringal próximo ao peru, com um companheiro. Seu nome era Antonio costa. Ficaram morando juntos. Antonio Costa não era seringueiro. Explorava um negocio de regatão, comprava e vendia borracha. Ele lhe deu a noticia sobre uns caboclos no peru, que bebiam a ayahuasca. Só que lá, o pessoal que tomava essa bebida tinha um pacto satânico, para fazer fortuna e facilitar a vida de cada um. O Mestre ate então tinha procurado sempre por Deus, mas Deus tinha dado tão pouco a ele, naquela luta danada para sobreviver. Resolveu experimentar a bebida e foi ate lá... (Depoimento de Luis Mendes do Nascimento, Revista do Centenário, 1992: 14)

Raimundo Irineu tomou a ayahaska, bebida milenar, de origem indígena, que tem como elementos básicos um cipó (banisteriopsis caapi) e uma folha (psychotrya viridis). Conhecidas popularmente como: jagube/mariri e a folha, como rainha ou chacrona. No recebimento da doutrina, Raimundo visionou Clara, denominada também pelos seus fiéis de Nossa Senhora da Conceição, observemos a narrativa de sua visão

Na próxima vez depois de tomar o Daime, ele armou a rede de modo que a vista dava acesso para a lua. Parece que estava cheia ou quase cheia. Era uma noite clara, muito bonita. E quando ele começou a mirar muito deu vontade de olhar para a lua. Quando olhou ela veio se aproximando, ate

² Para isso, atentamos para a *anamnese*, a memória voluntária que busca resgatar algo que tenha ocorrido no passado. No estudo em vista, a memória foi registrada e transformada em narrativas de cunho memorialista. Portanto, atentamos para os *gaps* da temporalidade e para as relações entre a memória individual e a coletiva, já que o tempo transcorrido acarreta re-elaboração, apreciação valorativa: “ Aquele que lembra não é mais o que viveu” (PESAVENTO, 2005: 95)..

³ Juramidã é o nome espiritual dado ao Mestre Irineu, por ocasião de sua “Iluminação”, não há consenso em relação a origem do vocábulo, alguns pressupõem um nome indígena para uma reencarnação de Jesus Cristo, outros afirmam a junção de três termos *jura me dá*.

ficar bem perto dele, na altura do teto da casa. E ficou parada. Dentro da lua uma senhora sentada num a poltrona, muito formosa e bela [...]diante da luz, ele disse: _ Vós sois a deusa universal._ Muito bem. Agora você vai se submeter a uma dieta. Para tu poder receber o que eu tenho para te dar.”(Ibdem)

A dieta compreendia passar oito dias comendo macaxeira insossa. Após a dieta e o recebimento da doutrina, o agora, Mestre Irineu, fundou uma pequena comunidade em Alto Santo, no acre.

Sua doutrina religiosa, esta profundamente relacionada com a floresta amazônica e com a natureza, faz parte do folclore da região como uma instância de cura espiritual e como uma significativa manifestação (ainda pouco conhecida) de religiosidade popular do nosso país.⁴

Durante sua peregrinação, Irineu buscava incessantemente trazer algo novo para seu país “eu vou se for alguma coisa boa vou levar para o meu Brasil, pois de coisa ruim o Brasil já ta cheio” (Revista do centenário, 1992: p.18). E interessante observar a imagem daimista dos *tempos de antes* associada ao estado natural do homem com a natureza.

Girard (1987) ao analisar algumas estruturas do imaginário coletivo, tais como: O mito da Idade de Ouro, do Salvador, da Unidade, ele ressalta a intrínseca relação humana com o mito. “O mito como historia verdadeira, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo”(ELIADE, 2004: 7), por isso explicativo da realidade.

Alguns desses tempos de antes [...] escapam a memória individual, por já não pertencerem senão a da historia, ou do que passa por ser a memória da historia. O passado ao qual se referem nunca foi diretamente conhecido; seu poder evocador é um modelo (GIRARD, 1987: 98)

Os tempos de antes para o membro comunitário do Santo Daime compreende necessariamente aquele tempo de volta às origens, isto é, da harmonia do homem com a natureza, da vida em comunidade, onde todos partilham de um mesmo ideal, de um mesmo objetivo de vida, onde encontram-se no seu estado natural vivendo de acordo com a natureza.

O mito desses tempos esta indissociavelmente ligado ao do herói, do salvador, que em tempos de crise vem restaurar o equilíbrio perdido.

⁴ Disponível no Site:

No estado de vaguidade afetiva e moral que acompanha toda crise de legitimidade política, o recurso ao salvador parece depender, bem autenticamente, desse mesmo tipo de mecanismo psíquico que, nas incertezas da contestação adolescente, conduz a esse apelo patético a um novo mestre, a um novo tutor, a um novo guia” (Op. Cit, p. 90) ⁵

Nesse sentido, Irineu preenche todos os requisitos de Mestre Salvador, comparado, inclusive a figura de Jesus Cristo, recebeu a doutrina, jejuou e também sofreu tentações, vejamos a imagem do Mestre segundo um de seus fiéis

O mestre aprendeu e doutrinou o mundo inteiro. [...] Espiritualmente o mestre é uma entidade que comanda o mundo inteiro. Ele tem todo o poder [...] é como se ele estivesse aqui no nosso meio. Não que eu esteja vendo mas, pela intuição a gente sente (Revista do Centenário, 1992, p. 10)

O principio de unidade estabelecido por Girard compreende “ a vontade de unir e de fundir, a visão de uma sociedade homogênea e coerente”(1987: 145).Assim, “Na Unidade esta a vida” (Op. Cit, p. 144) é nesse sentido que a doutrina daimista representa referencialmente este principio de Unidade na forma da uma comunidade, do retorno as origens, ou seja, da harmonia e respeito a natureza, do principio de complementaridade do homem e da mulher (o mestre casou-se quatro vezes), nos rituais, comungando com o sagrado, pois crêm manter contado direto com o divino. É nesse sentido que

A busca da unidade não se reduz mais a simples procura de uma nova moral coletiva; pertence doravante ao domínio do sagrado. Não se trata mais apenas de um convite a reconstrução da integralidade da pessoa humana, à reconquista de cada um de nós, da coerência de seu destino. Não se trata mais tão somente da necessidade de reconstruir a trama rompida das velhas solidariedades sociais. Através da efusão coletiva, é o próprio principio divino, que se procura redescobrir, a unidade dinâmica entre o homem, deus e o universo que se trata de restabelecer.(Op. Cit, p. 173)

O que para nós o Daimon tem feito muito bem...

Nos anos setenta e oitenta essa doutrina religiosa foi ampliada pelo Sr. Sebastião Mota de Melo, rompendo as fronteiras regionais e internacionais, com a instalação de filiais

⁵ Girard trata, neste referente, do processo de interiorização, comparando com as crises analisadas por psicossociólogos a de ansios infantis e adolescentes relativas às imagens parentais que são facilmente substituídas pela hierarquia das imagens de chefes.

no Sul do país e no exterior. Nesse ponto entra Campina Grande, com a inovação cultural, realizando o I Encontro para a Nova Consciência em 1992.

Será aberto hoje, às 09h, no Teatro Municipal Severino Cabral, o I Encontro para a Nova Consciência – O Pensamento da Cultura emergente. O evento, idealizado como uma reflexão espiritual na época das festividades do carnaval, irá reunir em Campina Grande, várias personalidades importantes na área da holística, transcomunicação, Ufologia, I Ching, Espiritismo, Iridologia, Florais de Bach, Tai-chi-chuan, entre outros, para um ciclo de palestras e debates sobre a nova consciência que se avizinha (TEM início hoje Encontro para a Nova Consciência. **Diário da Borborema**. Campina Grande, 29 fev. 1992. p. 8).

A criação do I Encontro para a Nova Consciência, foi uma idealização da Prefeitura Municipal de Campina Grande, através da Coordenadoria de Turismo (Codemtur) em parceria com o Governo do Estado da Paraíba. Os Encontros para a Nova Consciência desempenham/desempenham um papel significativo para a projeção da cidade de Campina Grande, em âmbito internacional. Anteriormente, a cidade se esvaziava no período do Carnaval, atraiu um público selecionado e impulsionou/impulsiona uma rica troca de diversidades culturais e religiosas. Foi no segundo encontro que Alex Polari, um dos líderes religiosos do Santo daime, apresentou a doutrina a Campina Grande.

Até então o Nordeste não conhecia a nova religião, juntou-se um grupo de mais ou menos trinta pessoas para experimentar o Daime. Como no Daime qualquer pessoa pode liderar um Comunidade estabeleceu-se uma no município de Lagoa Seca, daí, o líder da época escandiu a doutrina para Recife, Salvador, Fortaleza, a igreja mais antiga do Nordeste é a que permaneceu desde 1993 já tem quinze anos, em Lagoa Seca, nem João Pessoa tem uma.⁶

O Daime como as outras religiões tornou-se um elemento social de diferenciação religiosa. “O que é novo não são essas divisões sociais, mas, o fato de que um saber ou uma doutrina constituíram o meio de as colocar, ou de as manter ou de as trocar “(DE CERTEAU, 2007: 37). Dessa forma, a doutrina fornece a comunidade seus meios de identificação e distinção. Embora, o daime seja a primeira religião genuinamente brasileira, ainda é pouco conhecida, o que se deve a permanência dos estados fundamentais de sua fundação, ainda se constitui como uma comunidade fechada, embora mescle elementos cristãos, indígenas, afro- descendentes, de origem oriental e sejam indiferentes a salvação, é

vista à margem da sociedade. Para os fiéis, o Daime constiu-se uma chave de auto conhecimento para os fiéis e adeptos e quem sabe ela não corresponde aos anseios de Fourier ao anunciar a necessidade de uma nova religião “Religiões de progresso, da felicidade terrestre, despreocupadas com o além, totalmente indiferentes a noção de salvação” (FOURIER APUD GIRARD, 1987: 184).

⁶ Depoimento coletado de um membro Daimista- 28/ 07/ 2008. Mantemos seu anonimato, devido ao caráter ainda apreensivos dos membros em falarem de sua doutrina e dos rituais religiosos.

Referências Bibliográficas:

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo: Edusc, 2007.
- DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2007.
- COUTO, Fernando de La Roque. **A doutrina do Santo daime**. In: www.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005.
- PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- Revista do Centenário do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra**. Rio de Janeiro: Editora Beija Flor, 1992.
- TEM início hoje Encontro para a Nova Consciência. **Diário da Borborema**. Campina Grande, 29 fev. 1992. p. 8).